

DE LÁ PARA CÁ: A MIGRAÇÃO EXPRESSIVA DO CAMPONÊS RIBEIRINHO PARA MANAUS, UMA REFLEXÃO.

From there to here: Expressive migration of the riparian peasant for Manaus, a reflection.

Dalila Naiara Costa Henrique da Silva
Mestranda em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM
dalila_acsa@yahoo.com.br

Amélia Regina Batista Nogueira
Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM
ab.nogueira@uol.com.br

RESUMO: Este artigo se configura em uma fragmentação da pesquisa de Mestrado, na qual buscamos relacionar o aspecto cultural da migração interestadual em Manaus, ressaltando a territorialidade deste sujeito migrante na cidade. Através do resgate de dados quantitativos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), podemos identificar que a migração do camponês ribeirinho, do interior do Estado do Amazonas, para Manaus, também é bastante significativa. Neste sentido, desenvolvemos este estudo buscando compreender este caboclo amazônico, que muitas vezes possui sua terra, possui seu meio financeiro de sobrevivência, no interior, mas decide mudar-se para a capital do Estado.

Palavras-chave: Lugar, Modos de Vida; Aspecto cultural.

Abstract: This article presents a fragmentation of the master's research, in which we seek to relate the cultural aspect of the interstate migration in Manaus, highlighting the territoriality of this migrant subject in the city. Through the retrieval of quantitative data from IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics), we can identify that the migration of the peasant from the state of Amazonas to Manaus is also very significant. In this sense, we developed this study in order to understand this Amazonian caboclo, who often owns his land, has his financial means of survival in the interior, but decides to move to the state capital.

Keywords: Place, Life Style; Cultural Aspect.

Introdução

Ao desenvolvermos nosso estudo nos pautamos no aspecto cultural representado pelo modo de vida do camponês ribeirinho, que migrou do interior do Estado do Amazonas, para a capital, Manaus. Diante desta realidade, entendemos que o migrante do interior do Amazonas, traz consigo sua cultura, que podem ser expressas através de sua territorialidade, e valorização da cultura amazonense, segundo Spósito (2004, p.113), *a territorialidade representa o território do indivíduo, seu espaço relacional, horizonte geográfico e limite para a vivência e apreensão da realidade*, sendo assim, a territorialidade pertence ao mundo dos sentidos e, portanto, da cultura e das interações cuja referência básica é a pessoa e sua capacidade de se localizar e deslocar. Com isso, os migrantes vão construindo uma identidade territorial, que reflete a migração, e vão se identificando com seu novo lugar.

Desta forma, baseamo-nos em algumas literaturas que buscam compreender o modo de

vida do camponês ribeirinho, que migra do interior para metrópoles, com as obras:

- ✓ Os Parceiros do Rio Bonito;
- ✓ Presente Ambivalente, uma Maneira Amazônica de Estar no Tempo;
- ✓ Utopias, e Distopias na Paisagem Social Amazônica;
- ✓ Com Parente não se Neguceia.

Na primeira obra, de Antônio Cândido, **Os Parceiros do Rio Bonito**, o autor descreve as mudanças na vida do caipira, frente ao crescimento capitalista. Na obra **Presente Ambivalente uma maneira Amazônica de Estar no Tempo**, o teórico Mark Harris, desenvolve um estudo de cunho antropológico, histórico e cultural, o autor realiza um levantamento histórico sobre o passado do camponês ribeirinho, para poder entendê-lo no presente; em **Utopias e Distopias na Paisagem Social Amazônica**, Stephen Nugent apresenta o aspecto cultural como um segmento fundamental na vida dos amazônidas, Nugent nos mostra uma Amazônia, para além da paisagem física, dos problemas ambientais, e da destruição florestal, ressalta a importância da imigração de japoneses, libaneses, judeus para a formação da cultura amazônica. Na quarta obra, intitulada, **Com Parente Não Se Neguceia: o Campesinato Como Ordem Moral**, Klaas Woortmann denomina o artigo incorporando o provérbio popular ao seu trabalho, no qual afirma que nas negociações econômicas entre parentes, as relações sociais imperam mediante as relações econômicas, no sentido de que quando se desenvolve negociações econômicas entre familiares, a moral prevalecerá, ou seja um familiar sairá ganhando, e o outro sairá perdendo, Woortmann analisa o mundo vivido do camponês de forma diferente, revelando seu modo de vida particular.

O presente artigo descreve o modo de vida dos migrantes do interior do Estado do Amazonas, na periferia de Manaus, para isso, objetivou-se: 1- Compreender a presença do migrante e os reflexos deste novo morador no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus/AM; 2- Caracterizar como as migrações do interior do Estado do Amazonas para Manaus, podem modificar e intensificar os aspectos econômicos, sociais e culturais na capital do Estado; 3- Identificar o modo de vida dos migrantes interioranos, do Estado do Amazonas, no bairro pesquisado.

Diante desta realidade, nos questionamos: Qual o motivo da migração destes interioranos do Estado do Amazonas, para Manaus? Quais as modificações econômicas que este deslocamento implica? Esta dinamicidade, tem alguma relação com o capital? Como o ribeirinho expressa sua cultura em Manaus?

A pesquisa foi desenvolvida no bairro Tancredo Neves, pois de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2010), este é um dos bairros de Manaus com maior número de migrantes do interior do Estado do Amazonas, em sua dimensão espacial. O IBGE, ainda demonstra que os migrantes interioranos do Amazonas que migraram para Manaus, somavam em 2010, 287.078 (Duzentos e oitenta e sete mil, e setenta e oito) habitantes. E os migrantes interestaduais, aqueles que se deslocaram de outros Estados do Brasil, para morar em Manaus, somavam 271.277 (Duzentos e setenta e um mil, duzentos e setenta e sete), habitantes. Isto significa, que a migração de amazonenses do interior do Estado, para Manaus, é superior a migração de pessoas de outras Unidades da Federação (UFs), para a capital do Amazonas, caracterizando um fluxo migratório

expressivo.

Souza (2008), ressalta que as primeiras migrações para Manaus, aconteceram com o fim do apogeu da borracha, pois os migrantes que migraram para trabalhar na extração do látex, para vários Estados da Amazônia, como Pará, Amazonas e Acre, com o fim da era áurea da borracha, se estabelecem em Manaus.

Com a implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967, a cidade recebe grande fluxo de migrantes, que chegam com o intuito de conseguir um trabalho no Distrito Industrial de Manaus, destacando-se: Paraenses, Maranhenses e Cearenses (IBGE, 2010).

A migração para a capital do Amazonas, ainda é constante, segundo o IBGE, desde 2010, chegam 4.000 (quatro mil) migrantes anualmente em Manaus, esta migração é significativa em diferentes aspectos: econômico, demográfico e cultural.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é de caráter qualitativo, e foi desenvolvida na abordagem da Geografia Humanista Cultural, dentro da perspectiva da fenomenologia. Conforme Nogueira (2014), a fenomenologia: *Parte da valorização da experiência do outro como princípio de conhecimento.*

Por isso, é de fundamental importância compreendermos o mundo vivido do sujeito da pesquisa, o início do conhecimento se desenvolve a partir de diálogos diretos efetuados com os sujeitos migrantes.

Husserl, considerado por muitos teóricos como o mentor da perspectiva fenomenológica, traz uma nova concepção para a ciência, na qual, o conhecimento dos sujeitos, suas experiências de vida, ganham destaque, dimensionando-se como princípio de conhecimento, assim desenvolvemos entrevistas semiestruturadas com os migrantes interioranos do Estado do Amazonas, que nos permitiu conhecer sua realidade.

Neste artigo, nos limitaremos nas narrativas de três entrevistados, sendo eles maiores de idade, um homem e duas mulheres, que migraram de municípios do interior do Amazonas, apresentando diferentes motivos para a migração, e nos permitiram gravar as entrevistas, os questionamos:

- Qual o motivo de sua mudança para Manaus?
- Qual a sua profissão em Manaus?
- Você visita a sua cidade natal?
- Quais os costumes que você tinha no interior, e ainda tem em Manaus?

Ao desenvolvermos as conversas com os migrantes, tentamos utilizar termos simples, que nos aproximassem para um diálogo com os entrevistados, desta forma podemos conhecer a história de vida destas pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Bairro Tancredo Neves: Lugar de Migração Interiorana do Estado do Amazonas

O bairro Tancredo Neves, está localizado na Zona Leste da cidade de Manaus, tem como limites interbairros São José, e bairro Jorge Teixeira, ambos na Zona Leste da cidade.

Assim, como outros bairros de Manaus, sua fundação aconteceu através da ocupação irregular de suas áreas, que no final da década de 1980, era constituída por matas ciliares, compreendidas como a mata localizada próxima a nascentes de igarapés, composta por densa vegetação, com presença de flora e fauna nativa, os igarapés que cortam o bairro, sendo hoje poluídos, naquele momento eram límpidos, configurando-se em ambiente de lazer, para os demais moradores de Manaus.

Com o avanço dos habitantes, essas áreas foram sendo ocupadas, e o bairro Tancredo Neves, passou por intensas modificações, principalmente pela presença de migrantes do interior do Amazonas, e de moradores do bairro São José, que perceberam este crescimento, e se expandiram pela antiga Avenida Grande Circular, hoje Avenida Autaz Mirim. Com a chegada deste novo morador, surgiram modificações no modo de vida dos habitantes do lugar. Compreendemos que as migrações têm um importante papel nestas configurações, de dinâmicas socioeconômicas, populacionais, ambientais e culturais em Manaus, pois são os regionalismos dos habitantes que migram do interior do Amazonas, e de outras Unidades da Federação em grandes números, muitas vezes em busca de oportunidades trabalhistas, que diversifica o bairro Tancredo Neves, a migração foi determinante para o aumento da população.

Hoje de acordo com o IBGE (2010), o bairro pesquisado possui 43.310 (quarenta e três mil, trezentos e dez), habitantes. Além da presença de migrantes no bairro, o lugar estudado, se caracteriza por ter uma vasta área comercial, logo existe a descentralização do Centro Comercial de Manaus, pois a população não precisa necessariamente, se deslocar até ao Centro para obter seu objeto de consumo, podendo adquiri-lo nas próprias ruas do bairro pesquisado, abaixo temos um mapa representando a área de estudo.

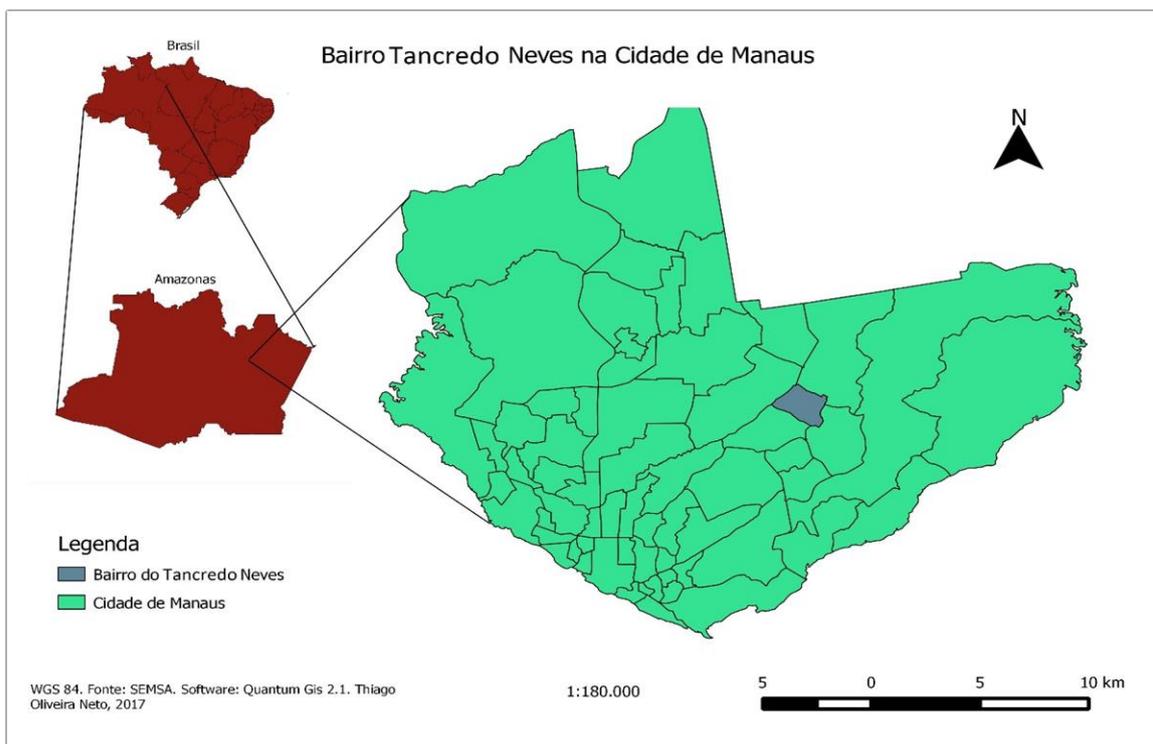


Figura 1: Localização do bairro Tancredo Neves, na cidade de Manaus
Fonte: SEMSA, 2017. Organizado por: Thiago O. Neto 1/06/2017.

Camponês ribeirinho: Em busca do seu lugar

Ao desenvolvermos o tema proposto, alguns conceitos e categorias foram resgatados para entendermos a realidade deste migrante. Primeiramente, as categorias Espaço e Lugar, tornaram-se essenciais para a interpretação do mundo vivido do sujeito migrante, conseqüentemente, buscamos desenvolver o estudo a respeito da territorialidade do camponês ribeirinho, no bairro Tancredo Neves, em Manaus. Ao relacionar espaço e lugar encontramos nos estudos de Tuan na obra *Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência* (2013), resposta que nos esclareceu, a importância destas categorias na vida do entrevistado. O referido autor, demonstra que há diferenças nestas duas categorias, ao ressaltar:

“Espaço” e “Lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço [...]. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro, e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a casa velha, o velho bairro, a velha cidade ou pátria. Os geógrafos estudam os lugares[...] (TUAN, 2013 p. 11).

Percebe-se a diferença proposta entre Espaço e Lugar, por Tuan, o espaço por si só, não seria suficiente para o estudo dos reflexos das migrações interioranas do Estado do Amazonas, para a cidade de Manaus, a categoria lugar é fundamental para que seja entendida a representação que a cidade passa a ter na vida de muitos migrantes, em razão de Manaus se tornar o lugar, ou o lar destas pessoas, pois com a vivência cotidiana, a

cidade que antes era *um espaço desconhecido, temido, rejeitado, transformou-se em lugar, sendo recortado afetivamente, e emergindo da experiência* (TUAN, 2013).

Assim como Antonio Candido se baseou nos caipiras de Bofete, nos pautamos no ribeirão da Amazônia, para desenvolvimento do nosso estudo, desta maneira, ressaltamos:

“Este estudo [...] Visa em linhas gerais a conhecer os meios de vida num agrupamento de caipiras: quais são, como se obtêm. De que maneira se ligam a vida social, como refletem as formas de organização e de ajuste do meio. Pareceu-me conveniente, para compreender os demais aspectos da cultura caipira [...] situado a realidade econômica” (CANDIDO p.21).

Podemos perceber que a vida deste caipira na cidade, implica em várias consequências, que vão desde o fator econômico, ao cultural, visto que a realidade deste caipira no rural é uma, e ao vivenciar a urbanização dos grandes centros urbanos, sua vida mudará consideravelmente. O camponês ribeirão, ao migrar também passa pela mesma situação, utilizaremos esta nomenclatura dada por Harris, no artigo *Presente Ambivalente: Uma maneira Amazônica de Estar no Tempo*, para nos referirmos aos migrantes do interior do Estado do Amazonas, pois a entendemos como mais completa para designar este indivíduo.

Harris (2006, p. 81), salienta: *As características essenciais dos camponeses que vivem às margens dos rios (ribeirinhos, caboclos) são sua flexibilidade e resiliência, aspectos que requerem explanação histórica.*

O autor caracteriza o camponês ribeirão, como um povo resiliente, tendo força e motivação para dá início a sua própria trajetória, tornando-se flexível na constituição da mesma.

Harris afirma que foi em meio as dificuldades daquela época, que os camponeses incorporaram estas características chaves, resultando em uma história cultural, o camponês ribeirão por estar constantemente enfrentando obstáculos, consegue recomeçar em meio as adversidades, e uma das formas de recomeçar, é migrar do interior para a capital do Estado. Para desenvolvimento do tema, nos pautaremos no sentido da migração ressaltada por Sorre (1984, p.124), que define migração como: *“aplica-se à ideia de movimento, de mudança de lugar e de moradia”*. Este é o sentido de migração estudado no decorrer da pesquisa, referindo-se a mudanças das pessoas, nascidas no interior do Estado do Amazonas, que fixaram moradia na cidade de Manaus.

Utilizando-nos desta definição, direcionamos a pesquisa, para compreendermos o modo de vida deste camponês ribeirão, no lugar pesquisado, através de suas histórias de vida.

Diante disto, nos pautaremos nas narrativas de três sujeitos ouvidos, durante a realização das entrevistas semiestruturadas. Os entrevistados são:

Migrante Interiorano 1. Homem de 35 anos, natural da cidade de Coari;
Migrante Interiorana 2. Mulher de 40 anos, natural da cidade de Presidente Figueiredo;
Migrante Interiorana 3. Mulher de 63 anos, natural da cidade de Itacoatiara.

Migrante interiorano 1: Manaus: Cidade real versus a cidade do imaginário

O primeiro entrevistado, nos diz ter migrado para Manaus, no ano de 2003, depois de ter concluído o Ensino Médio, em Coari. Veio para Manaus, com o intuito de trabalhar no Distrito Industrial, e continuar se profissionalizando:

Sou filho adotivo, fui criado muito protegido por minha mãe de criação, meu sonho de infância, era crescer e vir morar em Manaus, sair do interior, quando completei vinte e um anos, pensei: agora sim, vou viver a minha vida, viver os meus sonhos, falei pra mamãe que queria morar em Manaus. Desde a primeira vez que vim na cidade, fiquei encantado com tanta modernidade e com o tamanho da capital, naquele momento, me apaixonei por Manaus, e já sabia que meu lugar era aqui.

Este migrante, nos relatou sua história de vida, o motivo de sua migração para Manaus, se configura no aspecto econômico, Manaus torna-se um fluxo de atração para o migrante, pela presença do Polo Industrial. A respeito da profissão que exerce em Manaus, ele nos diz:

Atualmente, trabalho como autônomo na Feira do Produtor, na Feira do Mutirão, localizadas na Zona Leste de Manaus, tenho muita dificuldade em encontrar emprego. Mas não penso em pedir ajuda financeira pra minha mãe, que ainda mora em Coari, e voltar pra lá, é uma boa alternativa, no entanto, sei que se voltar pra lá, estaria admitindo minha derrota moral, diante da família, que formei em Manaus.

O entrevistado trabalhava no Distrito Industrial, mas há algum tempo foi demitido, impossibilitando sua ida a sua cidade natal, mas mesmo em meio as dificuldades financeiras, o migrante não pensa em regressar a sua terra natal, pois se fizer isto, estará admitindo que tudo era um sonho, que não pôde realizar, assim nas palavras de Woortmann (1990), a moralidade guia as relações de parentesco.

Quando questionado, a respeito de algum costume que ainda tem, o migrante nos responde:

Um costume que tenho comigo até hoje, é de rezar Ave Maria, e cantar os cânticos da Igreja Católica, embora seja de outra denominação religiosa, alguns hábitos ainda são fortes, acho que porque me lembro da convivência com minha mãe, e também de minha infância, na minha cidade.

Esta parte da pesquisa se desenvolve a partir da diversidade cultural exercida pelo migrante interiorano do Estado do Amazonas, em Manaus.

A praticidade cultural, se configura em diferentes formas na vida dos entrevistados, e a religiosidade, destacada pelo colaborador, constitui umas das expressões culturais mais marcantes de um lugar.

As manifestações culturais, retratam um lugar, trazem ao cotidiano do bairro pesquisado, e também a cidade de Manaus, uma territorialidade, que expressa a identidade deste sujeito, que busca uma adaptação na grande cidade, um novo significado para este lugar.

O sujeito demonstra saudade da infância na sua fala. Podemos perceber a importância dessas experiências relatadas por ele, os problemas econômicos são o principal empecilho na sua vida familiar, o migrante 1 está vivenciando um dilema, se ele voltasse para Coari, poderia ter conforto econômico, mas sua moralidade, não permite que ele rompa com seus ideais da juventude, no qual sonhou mudar-se para a capital do seu Estado, e ser bem sucedido profissionalmente, assim, mesmo desempregado, se mantém em Manaus, com a esperança de em breve possuir um trabalho e continuar sustentando sua família.

Migrante Interiorana 2: Manaus meu lugar

A segunda entrevistada nos relata que migrou para Manaus no ano de 1997, com 20 anos de idade, o motivo de sua migração para a capital, foi para estudar:

Vim para Manaus, definitivamente há 20 anos atrás, vim para estudar, inicialmente fiquei na casa de uma tia [...]. Passados alguns anos, engravidei, mas não queria voltar pra minha comunidade em Presidente Figueiredo, com um filho pros meus pais criar, então nesta época, minha tia me ajudou muito, em meio a tantas dificuldades, permaneci em Manaus.

A entrevistada narra, algo muito comum em Manaus, muitas vezes o motivo da migração de jovens do interior do Amazonas, para a capital, é a capacitação profissional, ou para estudar um curso superior, estes indivíduos normalmente se hospedam na casa de familiares, que já moram há mais tempo em Manaus, assim, percebemos que nem sempre a razão para a migração, é o fator econômico.

Pela sua narrativa, constatamos, que sua permanência em Manaus, se deve pelo apoio familiar, em específico de sua tia. Neste sentido, ressaltamos os estudos de Woortmann, quando enfatiza que o capitalismo não é a única explicação para o modo de vida do camponês, o núcleo familiar, pode justificar de forma significativa, a presença deste camponês na cidade grande: *“Meu intento, porém, não é o de surpreender o campesinato através da economia, mas está mais próximo da ideia de uma sociedade camponesa”* (Woortmann, 1990 p.11).

O autor vai além da relação economicista no campo, ao analisar a relação familiar, a importância dos valores ensinados no seio da família, e como estes valores interferem nas relações capitalistas no futuro, ao firmar transações comerciais com um familiar, por vezes o camponês levará em conta favores passados para relevar dívidas, e isso surge da vida moral desta pessoa, o que configurará, não somente uma relação capitalista.

Relacionando este contexto com a história de vida da migrante 2, vemos que hoje, ela ajuda monetariamente sua tia, assim como no passado foi auxiliada pela mesma, devido a sua estabilidade econômica, hoje a migrante 2 pode retribuir o auxílio obtido no passado por seu familiar.

A entrevistada é funcionária pública do Estado, sendo aprovada no concurso para a saúde no ano de 2004, com isso, quando questionada a periodicidade que ela visita sua cidade ela nos relata:

Hoje, sempre vou em minha comunidade, e também em Presidente Figueiredo, pela proximidade com Manaus, quase mensalmente vou visitar minha cidade, mas vou apenas para passeio, devido a compromissos de trabalho, não posso ficar muito tempo por lá, na verdade, me sinto mais de Manaus, do que de Presidente Figueiredo, não que eu tenha vergonha de ser do interior, mais por que foi na capital que tive meu filho, me profissionalizei, fui aprovada no concurso público, enfim, é na capital que estou vencendo na vida. Não sei se é o amor que tenho por esta cidade, mas às vezes, até me esqueço que sou do interior do Estado, e afirmo ter nascido em Manaus.

A medida que a migrante vai falando, podemos perceber o seu amor por Manaus, o que Tuan (1980) denomina de *Topofilia*. A identidade territorial da migrante 2, está relacionada diretamente com a cidade de Manaus, numa relação de gratidão pelas oportunidades profissionais que teve, fazendo da capital do Amazonas, o seu lugar.

O lugar evoca a identidade territorial de cada indivíduo, se o migrante interiorano se identifica com a cultura de sua cidade natal, ou nas palavras de Marandola (2009), seu “*lugar-natal*”, ele irá reproduzir sua cultura no seu novo lugar de moradia, seja em qualquer uma de suas expressões: religiosa, musical, culinária...

Ao indagarmos o costume que a migrante tinha no interior, e ainda tem em Manaus, ela nos relata:

Gosto de ouvir músicas antigas até hoje, principalmente de duplas sertanejas, que fizeram muito sucesso na década de 90, como Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, esses artistas eram muito ouvidos nas rádios durante minha adolescência, quando ainda morava em Presidente Figueiredo.

Interessante perceber que a relação do homem com a música, ultrapassa o território, o homem carrega consigo sua identidade musical. A música torna-se um importante instrumento de compreensão do mundo vivido do sujeito, pois ela expressa cultura, hábitos e tradições, que ficaram no seu lugar natal, mas que pode ser revivido quando o migrante ouve as mesmas canções que representam seu passado.

Buscando uma relação do lugar com a música, Carney (2007) destaca:

Os lugares são fontes de inovação e resistência musical. A música tanto reflete, quanto influencia as imagens que as pessoas têm dos lugares[...]. Lugares passados e distantes são mantidos vivos e reais por nossa memória, e muitos deles são retidos por uma melodia, a música ajuda a criar uma ligação emotiva humana a um lugar particular, seja ele o lar, a vizinhança, a cidade, o estado ou a nação. A música também funciona como um sentido de orgulho pelo lugar e um sentimento de ligação com ele. (CARNEY, 2007 p. 142 e 146).

No decorrer do seu trabalho, o geógrafo Carney (2007) cita vários estilos musicais, fazendo analogias sobre os lugares onde surgiram diferentes gêneros musicais, como o reggae na

Jamaica, ou Bossa Nova no Brasil, e suas representações, suas influências na sociedade americana, europeia e mundial. Ao desenvolver este tema, ele cria segmentos analíticos, para ser compreendido a cultura musical, de um determinado lugar, e um destes segmentos são: ***Dimensões espaciais da música com relação a migração humana*** [...]. Pelo fato do migrante carregar consigo, sua cultura musical.

Migrante Interiorana 3: Identidade territorial construída.

A terceira colaboradora da pesquisa, nasceu em Itacoatiara, no entanto, sua identidade territorial, está ligada ao Ceará:

Sou filha de cearense e para muitas pessoas me identifico como uma cearense, nem digo que sou amazonense, meu pai veio do Ceará pra cá, na época da borracha, ele foi um soldado da borracha, lembro que ele sentia muito orgulho em ser do Ceará, e como puxei para ele na aparência, comecei a dizer que era do Ceará, e carrego essa mania comigo até hoje. Viemos pra Manaus quando eu tinha 10 anos de idade, nos mudamos de vez pra capital, meu pai comprou muitos terrenos no Centro da cidade, mas com a sua morte, meus irmãos venderam tudo, assim nos mudamos para a periferia.

O motivo da migração para Manaus da entrevistada, é familiar, migrou acompanhando sua família, interessante percebermos que ela não se identifica como amazonense, não que isso a envergonhe, mas quem sabe para manter viva na memória, o mesmo amor que o pai sentia pelo seu Estado natal, ela construiu a identidade territorial cearense.

Com a morte do patriarca da família, houve modificações na hierarquia do núcleo familiar da migrante 3. Chayanov, desenvolveu suas teorias embasado nestas modificações comportamentais, em específico ligando a família, numa relação economicista, mas no sentido de sobrevivência. Através de suas teorias buscava analisar a produção na lavoura, no campo familiar, fazendo comparações a respeito do desenvolvimento econômico de uma família russa que tinha muito membros, para uma que continha poucos membros.

Chayanov abordou de forma minuciosa as relações do núcleo familiar e o modo de produção, pautando-se numa perspectiva de sobrevivência: “*O principal objetivo das operações e transições econômicas do camponês, é a subsistência e não a obtenção de uma taxa normal de ganância*” (CHAYANOV, p.11).

O teórico russo, se baseará no modo de produção camponesa, para explicar a falta de acumulação de capital desta classe social, visto que a produção de alimentos e roupas pelo camponês tinha por finalidade, suprir as suas necessidades básicas, e não uma comercialização capitalista. Nossa entrevistada ainda nos diz:

Não voltamos para o interior, logo depois me casei, e não continuei meus estudos, por isso hoje não tenho emprego, e nem estou aposentada, sou autônoma, proprietária de um pequeno estabelecimento comercial: Mercadinho Ceará, em homenagem ao meu pai.

Nesta experiência de vida, compartilhada pela migrante 3, podemos nos ater a teoria de Nugent (2006, p.41), sobre Utopia e Distopia: *“Em geral as utopias são prescritivas e antecipadas, enquanto as distopias são derivativas e cruelmente reais”*, (p.41). O camponês ribeirinho migrou para Manaus em busca de uma utopia, mais tornou-se uma distopia, ao ver seus sonhos não se concretizaram, principalmente o de ser bem sucedido financeiramente na Capital, resultando na vontade de voltar para sua terra, no interior do Estado.

Embora seja uma amazonense, é visível a identidade territorial que a entrevistada faz questão de ressaltar: cearense. A migrante interiorana 3, identifica-se, mais com a terra do pai, do que a terra que nasceu e a capital do seu Estado, no qual ela vive.

A territorialidade está expressa no comportamento, na fala, na valorização da identidade territorial cearense, de nossa colaboradora. Bonnemaïson (2012), compreende a territorialidade pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território do que pela referência aos conceitos habituais de apropriação biológica e de fronteira. O referido autor, vai especificar, que *a territorialidade une dois aspectos: fixação e mobilidade*.

Fixação se refere ao território, as fronteiras. A mobilidade se constitui da relação vivida pela etnia no interior deste espaço-território, que conseqüentemente pode tomar formas culturais múltiplas, formando a territorialidade, construído a partir da junção dos itinerários e os lugares, sendo móvel juntamente com o sujeito migrante, pois ele a carrega consigo para seu lugar vivido.

Quando questionada a respeito dos costumes que ela tinha no interior, nossa entrevistada nos afirma, que sua vida mudou completamente ao vir morar na cidade:

No interior tínhamos o hábito de plantar hortaliças, tomávamos chás para as diversas dores, tudo isso foi substituído pelos remédios vendidos nas farmácias. Em Manaus não temos tempo pra nada, o que mais me afeta na capital é a falta de tempo. O hábito que ainda tenho hoje, é de assistir as novelas de antigamente, de ouvir o rádio, as músicas que meu pai ouvia, quando éramos criança, principalmente forró, também tenho o costume de preparar comidas cearense em aniversários na minha casa, gosto muito do baião de dois, carne de sol, buchada de bode, enfim, valorizo muito a cultura que meu pai nos ensinou a amar.

Com a fala desta senhora, podemos perceber como as manifestações culturais, estão presentes em sua vida, e a forma como ela valoriza estas expressões culturais, no seu dia a dia, seja pela comida, pela música, pelos remédios caseiros, pelo sotaque que ela mantém, tudo isso representa a cultura, como mencionado por Claval:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos, e dos valores, acumulados pelos indivíduos durante suas vidas [...], a cultura é herança transmitida de uma geração a outra, ela tem suas raízes (CLAVAL, 2007 p.64).

Da mesma forma, que um dia ela recebeu esta cultura do pai, nos dias atuais, esta migrante repassa sua cultura para os filhos e netos, objetivando manter vivo os ensinamentos recebidos por seu genitor.

CONCLUSÃO:

Ao desenvolvermos o estudo sobre a migração interiorana do Estado do Amazonas, para Manaus, podemos perceber diferentes razões para o camponês ribeirinho deixar sua comunidade, seu município, e sua cidade no interior do Estado. Através das conversas com os migrantes podemos perceber que o fator econômico é o principal fator de atração para a migração em Manaus, no entanto, não é o único, alguns migrantes nos relataram que a saudade de familiares, também os fizeram se mudar para a capital do Amazonas, pois muitos dos seus familiares já residiam em Manaus, outros nos disseram que os estudos, a capacitação profissional, também foi o motivo de sua migração para a capital do Estado, outros citaram tratamento de saúde como motivação para sua mudança do local de moradia, no entanto, retratamos no artigo apenas a vivência de três migrantes, que tiveram Manaus como fator de atração, a partir de diferentes motivos, o migrante 1 migrou para trabalhar, a migrante 2, objetivava estudar, e a migrante 3, migrou por motivo familiar, acompanhando seus parentes. Com o estudo do mundo vivido, ouvindo o sujeito e suas experiências de vida, obtivemos estas informações, que nos ajudou para compreensão do cotidiano destes migrantes, isso dimensiona nosso estudo num aspecto fundamental, da fenomenologia.

Através dos diálogos com os entrevistados, percebemos como é diversificado o modo de vida, do camponês ribeirinho do Interior do Amazonas, e isso se configura no espaço territorial do bairro Tancredo Neves, criando uma identidade territorial diversificada. Os migrantes expressam sua cultura de diferentes maneiras, e a música foi mencionada pelos três entrevistados, como algo que os faz recordar de experiências vivenciadas na infância, na adolescência, quando ainda habitavam em seu lugar natal, música faz história, ao remeter o ouvinte a experiências pretéritas, ao fazê-lo recordar-se de sua vida regressa, antes de migrar para Manaus, percebemos o poder que esta manifestação cultural representa, de transportar as pessoas para situações pretéritas e fazê-las (re) significar o seu atual lugar, ao sentir-se parte integrante, de forma ativa, no desenvolvimento de outra cidade.

O lugar destes migrantes, na sua concepção é a cidade de Manaus, pois ela os acolheu, havendo uma identificação maior com a Capital do Estado, do que com as cidades de onde migraram, alguns entrevistados relataram já terem ido ao seu município natal, mas não se sentiram pertencente ao seu lugar de nascimento, neste sentido, LOWENTHAL (1985, p.141), escreveu: *“Cada imagem e ideia sobre o mundo é composta então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória”*. Ao retornarem à sua cidade de nascimento, as experiências vividas por eles ali, fazem parte somente de sua imaginação e memória, pois a cidade mudou, muitos de seus familiares e amigos de infância também migraram, e aquele lugar guardado na memória, não é mais o mesmo, com isso, eles aprenderam a amar Manaus, como sua segunda casa, pois foi neste lugar que constituíram famílias, estudaram, conseguiram seus empregos, é o seu lugar vivido.

As reflexões expostas durante o trabalho demonstram como o migrante modifica o local que passa a morar, influenciando com seu modo de vida, a sua vizinhança, familiarizando-se com a cidade, transformando-a no seu lugar, pois ela passa a ter um significado de pertencimento.

Manaus se caracteriza por ter uma significativa extensão territorial, e por ser a capital do maior Estado do Brasil, talvez por isso seja um lugar de multiculturalidade, e por ter habitantes de diferentes lugares, Manaós que na linguagem indígena, significa **Mãe de todos os deuses**, também está se tornando a mãe de todas estas pessoas, que não nasceram na cidade, mas sentem que Manaus é o seu lugar.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.; (org.). *Geografia Cultural uma Antologia Volume I*. Ed. UERJ 2012.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CHAYANOV, A. V. *La organizacion de la unidad campesina*. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1974.

CARNEY G. Música e Lugar. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs). *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CLAVAL, P. *A Geografia Cultural*. 3ª Edição. Florianópolis. Editora da UFSC, 2007.

HARRIS, M. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, C. et al. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2010. Disponível em: < <http://ibge.gov.br//home/>>. Acesso em: 20 de janeiro, 2017.

LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

MARANDOLA, E. Jr. *Ser migrante: Implicações Territoriais e Existenciais da Migração*. VI Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte, 2009.

NOGUEIRA, A.R.B. *Percepção e representação gráfica: A "Geograficidade" nos Mapas Mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*. Manaus. Edua 2014.

NUGENT, S. Utopias e distopias na paisagem amazônica. In: ADAMS, Cristina et al. *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume,

2006.

SOUZA, E. *Fluxo migratório no Amazonas*. Artigo Revista Continuum. 2008. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/outubro-2008-fluxo-migratorio-no-amazonas/> Acesso: 01/05/2017.

SPÓSITO, E. S. *Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

SORRE, M. *Geografia*. Tradução: JANUÁRIO F. M., FRANÇA M. C., e MARQUES M. São Paulo: Ática, 1984.

TUAN, Y-F. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo. Editora Difel, 2013.

TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

WOORTMANN, K. *Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral*. In: Antropológico – 87. Brasília/Rio de Janeiro: Ednub/tempo Brasileiro, 1990.

Submetido em: 21/08/2017

Aceito para publicação em: 13/03/2018